



**CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO  
CAMPUS III – GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA**

**Geografia, Educação e Cidadania**

**ALEXSANDRO RAMOS DA SILVA**

**A LIBRAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DOS SURDOS NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA**

**Guarabira/PB**

**2018**

**ALEXSANDRO RAMOS DA SILVA**

**A LIBRAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DOS SURDOS NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III - Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia, sob a orientação da professora Especialista Aline de Fátima da Silva Araújo.

**Guarabira/PB**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Alexsandro Ramos da.  
A Libras e as contribuições para a inclusão dos surdos nas aulas de Geografia [manuscrito] / Alexsandro Ramos da Silva. - 2018.  
36 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."  
1. Aula de Geografia. 2. Aluno surdo. 3. Libras. I. Título  
21. ed. CDD 371.9127

**ALEXSANDRO RAMOS DA SILVA**

**A LIBRAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DOS SURDOS NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA**

Artigo, apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia, Educação e Cidadania.

Aprovada em: 23/11/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

Aline de Fátima da S. Araújo

Profª. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rônia Galdino da Costa

Profª. Esp. Rônia Galdino da Costa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Belarmino Mariano Neto

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos meus filhos, aos meus familiares e aos meus professores, pessoas muito importantes em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar sabedoria para que eu conseguisse realizar esse trabalho, porque sem ele nada seria concluído. Foram muitas lutas e dificuldades ao longo desses anos, assim como também houve momentos de felicidade, de passar no vestibular e ingressar na universidade, felicidade imensa! Agora estudando para dar conclusão ao curso, construindo esse trabalho, com a ajuda das pessoas que me rodeiam.

Agradeço em especial a meus filhos, minha família, professores e aos meus amigos verdadeiros. Aos meus colegas da turma 2013.2, pelos anos que vivenciamos juntos, aprendi muitos com eles, e levarei comigo a lembrança de cada um. Agradeço também aos examinadores da banca e a minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Aline.

“É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos: a influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição, a sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que, de outra forma, ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso dos sinais.”

J. Schuyler Long

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>3 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....</b>	<b>14</b>
3.1 METODOLOGIAS EDUCACIONAIS VOLTADAS A EDUCAÇÃO DOS SURDOS.....	18
3.2 A SURDEZ NA CONCEPÇÃO SOCIOCULTURAL.....	21
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>35</b>

## **A LIBRAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DOS SURDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Alexsandro Ramos da Silva

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo estudar a relevância da Libras na inclusão do surdo em sala de aula, mas particularmente nas aulas de geografia. Apresentar a relevância da Libras na inclusão do surdo em sala de aula, compreender a relevância da língua de sinais nas aulas de geografia; Observar a metodologia do professor de geografia para o aluno surdo. A metodologia de pesquisa utilizada foi um estudo de caso, que é um método de pesquisa qualitativa, com o uso de aplicação de questionário como forma de coletar dados, relacionada na concepção da teoria de diversos autores que falam sobre essa temática de pesquisa como: Richardson (1999), Trivinos(1987), Quadros(1997), Brito (1993), Moura(1996), Goldfelf (2002), Streiechen (2012), Strobel (2009). No presente artigo é visto as análises teóricas em diversos trabalhos que indagam esse tema, abordando questões da inclusão. Sendo assim, resta-nos mais empenho, aceitação e dedicação para mudar esse modelo que vemos ainda em tempos presentes, chegando então a quebrar os paradigmas atuais e ir além, eliminando as possíveis barreiras e dificuldades que podem ser encontradas sobre a inclusão do surdo nas aulas de geografia através da Libras. Conclui-se que ainda há uma grande dificuldade do professor de geografia para dar aulas aos alunos surdos, sendo necessário a presença do intérprete de Libras, já que o professor não tem nenhuma formação para lidar com os alunos surdos.

**Palavras-Chave:** Aula de geografia, Aluno surdo, Libras.

## **TO LIBRARIES AND CONTRIBUTIONS TO THE INCLUSION OF DEAF IN GEOGRAPHY**

Alexsandro Ramos da Silva

### **ABSTRAC**

El presente artículo tiene como objetivo presentar la importancia de la Libras en la inclusión del sordo en el aula, pero particularmente en las clases de geografía. Presentar la importancia de la Libras en la inclusión del sordo en el aula, comprender la importancia de la lengua de signos en las clases de geografía; Observar la metodología del profesor de geografía para el alumno sordo. La metodología utilizada fue a la investigación cualitativa, relacionada en la concepción de la teoría de diversos autores que hablan sobre esta temática de investigación como: Richardson (1999), Trivinos (1987), Cuadros (1997), Brito (1993), Moura (1996), Goldfelf (2002), Streiechen (2012), Strobel (2009). En el presente artículo se ven los análisis teóricos en diversos trabajos que indagan ese tema, abordando cuestiones de la inclusión. Siendo así, nos queda más empeño, aceptación y dedicación para cambiar ese modelo que vemos aún en tiempos presentes, llegando entonces a romper los paradigmas actuales e ir más allá, eliminando las posibles barreras y dificultades que se pueden encontrar sobre la inclusión del sordo en las clases de geografía a través de las libras. Se concluye que todavía hay una gran dificultad del profesor de geografía para dar clases a los alumnos sordos, siendo necesario la presencia de un intérprete, ya que el profesor no tiene ninguna formación para lidiar con los alumnos sordos.

**Palabras Clave:** Clase de geografía, Alumno sordo, Libras.

## 1 INTRODUÇÃO

Comentar nos dias atuais sobre a inclusão não causa o mesmo impacto que se causava antes. Hoje, já se abre um leque para a inclusão da língua de sinais para que os que necessitam sejam beneficiados, é óbvio que nem todas as escolas tem um profissional qualificado, mais as graduações já oferecem libras como uma disciplina a ser paga por seus discentes, com isso podemos perceber que está se havendo um despertar para a realidade.

A sociedade necessita se modificar de forma a beneficiar a todos os seres humanos, para o pleno exercício da cidadania. Dessa forma fica claro que esta transformação está relacionada com o desenvolvimento do outro e atendendo as suas dificuldades.

A escolha desse tema surgiu pela preocupação de saber como anda a inclusão das pessoas surdas no ambiente escolar, um tema que nos dias atuais percebemos que existe uma preocupação maior, uma vez que os governantes já estão sugerindo colocar a libras como uma disciplina a ser aplicada nas escolas.

O interesse em pesquisar a temática surgiu a partir das aulas de libras que tive enquanto aluno do curso de geografia, passei a perceber a importância desta disciplina para o futuro professor, pois os mesmo irão se deparar com os alunos surdos em sala de aulas inclusivas, os mesmos devem está preparados para trabalhar com esses alunos.

O que nos causa inquietação, são as dificuldades que as pessoas surdas encontram com ênfase o obstáculo linguístico. A pessoa surda que sabe a língua de sinais é uma pessoa diferenciada em seu próprio país de origem, pois utiliza de uma língua que não é a mesma usada pela maioria de seus conterrâneos no caso a língua de sinais. Nos dias atuais observamos que alguns não sabem o valor e a importância da língua de sinais para a comunicação dos surdos, bem como seu papel no desenvolvimento da sua inclusão na sociedade.

A Libras é importante ferramenta para o estudante surdo, pois pode promover uma autoestima, de ter confiança de aprender o conteúdo explicado em sala de aula ou em campo, e em outras áreas de sua vida, de uma maneira que o

deixe confortável a estudar, e compreender o mundo. Utilizando assim a língua como instrumentos de aprendizagem.

A Libras, ajuda no aprendizado da disciplina ensinada, e desta forma, traz igualdade entre os surdos e os demais alunos da referida turma.

Há então esse interesse do estudante surdo pesquisar e discutir formas para conseguir desenvolver seu aprendizado de uma forma significativa principalmente nas aulas de geografia assim como já citado a cima, Libras, é uma língua natural utilizada pelo surdo brasileiro, ou seja, seria eficaz essa disciplina ser estudada ainda antes do ensino superior, junto com as outras disciplinas, coisa que não acontece ainda.

A sociedade, no seu dia a dia, precisa compreender a cultura das pessoas surdas, e ter consciência da importância da libras no desenvolvimento cognitivo e pessoal do surdo. As formas como as escolas e instituições estão atuando, têm levado grande parcela dos alunos à exclusão, principalmente das pessoas surdas. A base da inclusão consiste no conceito de que toda pessoa tem o direito básico à educação e que esta deve levar em conta seus interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem.

O principal objetivo deste trabalho é: Apresentar a relevância da Libras na inclusão do surdo em sala de aula, mas particularmente nas aulas de geografia.

Nessa perspectiva os objetivos específicos são: Apresentar a relevância da Libras na inclusão do surdo em sala de aula, compreender a relevância da língua de sinais nas aulas de geografia; Observar a metodologia do professor de geografia para o aluno surdo;

Por fim, foi utilizada como base metodológica a pesquisa qualitativa através de estudo de caso, utilizando como instrumento também a análise de questionário, a fim de procurar responder as perguntas norteadoras.

Caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde às mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas como coeficiente de correlação, análise regressão etc. (RICHARDSON,1999, p.70)

O questionário foi aplicado com educandos da Escola Estadual de E. F. M Gentil Lins, que fica localizada na cidade de Sapé/PB, da disciplina de geografia que tem 2 alunos surdos em sala de aula, com o objetivo de detectar quais dificuldades

de lidar com os alunos surdos, e constatar se tem alguém capacitado para lhe auxiliar.

Esse trabalho está estruturado da seguinte forma: Introdução, referencial teórico que envolve: A relevância da Libras na inclusão dos surdos, Metodologias educacionais voltadas a educação dos surdos, A surdez na concepção sociocultural, metodologia, resultados e discussões (estudo de caso), conclusão e referências.

## **2. METODOLOGIA**

Esse trabalho foi realizado, através de pesquisas qualitativas com estudo de caso e artigos bibliográficos, elaborando assim as fundamentações teóricas deste. Pois é justamente o que serviu de subsidio no auxílio da construção deste trabalho, e de ideias que serão possíveis meios de adquirir conhecimento, por meio de leituras referentes ao tema.

Foi assim construído, observando e analisando o tema, usando a Libras como referencial. Percebemos a necessidade de notificar, o que será possivelmente trabalhado acerca de afirmações e interrogações, que serão construídas no decorrer do trabalho, à medida que será buscado, a melhor maneira para existir uma progressão, para o estudante surdo, tanto na sociedade como na sua vida acadêmica.

Portanto, estudaremos e avaliaremos os artigos lidos e as observações feitas, e assim daremos uma concretização e a extração do desenvolvimento do presente trabalho, pretendemos chegar a compreender se, será possível extrair o maior potencial do referido aluno por meio da Libras, nas aulas de geografia na busca de métodos que serão citados ao decorrer do trabalho.

Neste trabalho optou-se pela pesquisa qualitativa e bibliográfica, pois esse tipo de pesquisa tem a estratégia de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas especificidades e experiências individuais.

Com a pesquisa qualitativa, os entrevistados estão mais livres para apontar os seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Na pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas, e o propósito não é contabilizar quantidades como resultados, mas sim atingir compreender o comportamento de determinado público.

A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação é feita quando o objetivo do estudo é entender o porquê de certas coisas.

Para o levantamento de dados aplicou-se questionários para 1 professor de geografia da Escola Estadual de E. F. M Gentil Lins, que fica localizada na cidade de Sapé/PB o qual o mesmo tenha aluno surdo em sua sala de aula.

### **3 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.**

A língua de sinais é reconhecida com uma língua de modalidade visuo-espacial, ou seja, expressa no espaço e captada através da visão, com todos os aspectos e característica de uma língua genuína.

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. (QUADROS, 1997, p. 46)

A Língua de Sinais permite ao surdo um desempenho integral, pois, mesmo sendo uma Língua de modalidade visual-gestual não há qualquer dificuldade cognitiva para que o surdo tenha progresso, ao ter interação com adultos e outras crianças que utilizam a Língua de Sinais, a criança será capaz de comunicar-se.

As Línguas naturais têm a importante função de suporte do pensamento, função esta frequentemente ignorada por especialistas envolvidos na educação do surdo que consideram a Língua apenas como meio de comunicação. (...) As Línguas de Sinais, por serem naturais e de fácil acesso para os surdos, são extremamente importantes para o preenchimento da função cognitiva e suporte do pensamento. (BRITO, 1993, p. 34).

A Libras, assim como diversas línguas que existem em todo o mundo, é organizada por aspectos linguísticos: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Dessa forma, estabelece um sistema linguístico de comunicação, princípios e fatos na qual há uma forma de expressão, de natureza visual motora, com suporte gramatical natural.

Ferreira – Brito (1990, p.23) apresenta os parâmetros fonológicos da Língua Brasileira de Sinais, sendo Configuração de Mãos (CM), Movimento (M), Locação ou Ponto de Articulação (PA), Orientação da mão (O) e Expressões não manuais ou Expressão facial/Corporal (EF/C), esses parâmetros utilizaram para a realização do léxico nas línguas de sinais, ou seja, a realização do sinal.

No Brasil, esta língua é chamada de Libras, a mesma vem sendo discutida e debatida desde 1857 a partir das pesquisas e início dos estudos surdos.

E tem sua origem na língua de sinais francesa, pois foi por meio do surdo francês Ernest Huet que iniciaram as pesquisas em todo o Brasil. O professor ajustou os sinais franceses, com os sinais utilizados aqui na época dando início a Libras. Este método foi bastante expandido e compreendido no Brasil, e com isso tivemos a fundação da primeira escola de surdos no Brasil, em 1857.

O INES foi um marco histórico para os surdos, tanto que é considerada um importante referencial educacional no Brasil. De acordo com Levy (1999, p.14) “[...] O currículo apresentado em 1856 tinha como disciplinas o português, aritmética, história, geografia e a “linguagem articulada” e “leitura sobre os lábios”, para os que tivessem aptidão”

Com a criação do INES o francês Ernest Huet também foi responsável por um dos principais marcos históricos da educação de surdos no Brasil, que foi a criação desta escola, que tinha como principal objetivo o desenvolvimento e otimização da língua de sinais.

Durante alguns anos o INES permaneceu sendo a única escola para surdos. Tanto que até hoje é considerado uma referência nacional na educação de surdos. Mesmo com tanto progresso em relação a educação os surdos enfrentaram bastante

dificuldade, haja vista, que após o Congresso Mundial de Milão em 1880, foi determinado a imposição do oralismo como metodologia a ser seguida na educação de surdos, nesse momento os surdos foram proibidos de sinalizar fazendo uso da imposição da língua oral.

Com os fatos históricos apontados anteriormente, é possível verificar que a história da educação de surdos, no nosso país, tem relação direta com a história do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Com a criação desta percebemos que, é por meio dela, juntamente com a comunidade dos surdos, que outros grupos de surdos começaram a se sentir constitutivos de um grupo social, fazendo assim com que o surdo se reconhecesse e identificasse como cidadão pertencente a uma sociedade.

Em 1862, o Professor Hernest Huet deixa o Instituto e desta forma o cargo de diretor é assumido pelo Dr. Manoel de Magalhães Couto. Tanto Magalhães como seus sucessores não eram especialistas em surdez.

Em 1868, uma inspeção do governo no instituto verificou que ele estava servindo apenas de asilo de Surdos. O diretor foi demitido e, em seu lugar, foi nomeado o Dr. Tobias Leite. Em 1873, foi aprovado o projeto de regulamento em que era estabelecida a obrigatoriedade de ensino profissional e o ensino da "linguagem articulada e leitura sobre os lábios." (MOURA, 1996, p.82).

Isso nos mostra que com a pesquisa feita pelo governo este instituto não estava desempenhando um bom papel, e sim fazendo um acúmulo de surdos, isso implica dizer que os surdos não estavam tendo nenhum acompanhamento por parte dos que faziam o instituto.

Percebe-se, a preocupação com a educação dos surdos por parte do governo e de outras pessoas, assim como fica também uma reflexão sobre a importância do trabalho com surdos ser desenvolvido por especialistas na área.

Nota-se neste fragmento, a apreensão com a educação dos surdos por parte do governo e como também de outras pessoas, assim como fica também uma reflexão sobre a importância do trabalho por pessoas capacitadas, preparadas para exercer com qualidade a educação das pessoas surdas utilizando assim a língua de sinais e não somente a língua oral.

Percebemos que houve avanços na história, mas houve um momento em que esse desenvolvimento foi interrompido, o percurso foi alterado foi por ocasião do

congresso de Milão, teve uma decisão tomada no Congresso Mundial de Surdos, na cidade italiana de Milão, em 1880. No evento, ficou decidido que a língua de sinais deveria ser abolida, ação que o Brasil implementou em 1881 (BRASIL, 1997).

A Libras foi proibida por anos, mesmo assim a comunidade surda a utilizava as escondidas. O tempo passou e percebemos a importância do uso da mesma entre os surdos, com isso a regulamentação da Libras em âmbito federal só se deu em 24 de abril de 2002, com a lei nº 10.436.

No passado a língua de sinais não era reconhecida como língua, pois não havia comprovação de sua estrutura linguística. Com os avanços das pesquisas linguísticas e somente através da Lei nº 10.436 de 2002 a LIBRAS é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e vista como uma:

(...) forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL,2002).

Por meio das considerações feitas sobre a educação das pessoas surdas no Brasil e no mundo compreende-se que as transformações que aconteceram trouxeram benefícios aos envolvidos, mas ainda não suprem todas as carências dessa modalidade educativa, havendo ainda um longo percurso a ser percorrido, pois uma das grandes dificuldades está no aceite da língua ,de si próprio e do outro como pessoa surda.

[...] a língua de sinais possui características próprias, utilizando os gestos e expressões faciais como canal de comunicação substituto da vocalização. [...] nas línguas de sinais, a palavra é denominada sinal. Este é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em uma determinada localização do corpo (uma parte ou um espaço em frente ao corpo). (MEIRELLES & SPINILLO, 2004, p. 132)

Como percebemos a Língua de Sinais tem qualidades próprias, sendo a primeira delas como já abordamos ser uma Língua gestual-visual, ou seja, uma Língua que usa o canal visual e as expressões faciais e corporais na construção da interação. Dessa forma, tem diferença da Língua Oral, que aplica o canal da audição e da fala por meio da oralidade nos meios comunicativos.

### 3.1 METODOLOGIAS EDUCACIONAIS VOLTADAS A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

A educação dos surdos foi marcada por avanços e desafios, faremos agora um recorte histórico, abordando as metodologias educacionais na educação dos surdos. O oralismo foi uma filosofia educacional que tem como objetivo a incorporação da criança surda na sociedade de ouvintes, dando-lhe condições de ampliar a língua oral, que no nosso país é o português. A percepção de linguagem, para vários profissionais dessa filosofia, limita-se à língua oral, como a única forma de conversação dos surdos.

Para atingir suas finalidades, filosofia oralista emprega várias metodologias de oralização: verbo-tonal, audiofonatória, aural, acupédico dentre outros. Essa metodologia fundamenta-se em pressupostos teóricos diferentes e possuem, em alguns feitos, práticas diferentes. O que junta é o fato de acreditarem que a língua oral é a única forma importante de diálogo do surdo e se dedicarem ao ensino desta língua. Nas crianças surdas, é recusada qualquer maneira de gestualização, bem como as línguas de sinais.

O papel da metodologia Oralista é evoluir a fala do surdo, pois para os defensores desta estratégia, a língua falada era considerada fundamental e a mais importante para a interação e desenvolvimento integral das pessoas surdas. Essa metodologia foi sugestão defendida em um evento internacional que aconteceu em Milão/Itália denominado 'Congresso Internacional de Educação de Surdos'.

Para (GOLDFELD, 2002) A maior parte das metodologias baseadas no oralismo utiliza como embasamento teórico linguístico e Gerativismo de Noam Chomsky. Outros recursos utilizados na metodologia Oralista são: o treinamento auditivo, o desenvolvimento da fala e a leitura labial. Praticar a audição através do desenvolvimento do resíduo auditivo para que o surdo começasse a discriminar os sons e, portanto, pudesse evoluir a sua fala era a filosofia dos que defendiam o oralismo. Como também davam ênfase ao valor da leitura labial como ponte de comunicação.

O oralismo ou filosofia visa a integração da criança surda na comunidade de ouvintes, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). A noção de linguagem, para vários profissionais dessa filosofia, restringe-se à língua oral, e esta deve ser a única forma de comunicação dos surdos (GOLDFELD, 2002, P.33).

Alcançaram pronunciar apenas algumas palavras que eram repetidas de forma mecânica sem saber o que elas realmente significavam. “Esse método resultou em milhões de surdos analfabetos. E os surdos que passaram por essa metodologia trazem marcas negativas em suas vidas até os dias atuais” (STREIECHEN, 2012, p.17).

Após o Congresso a metodologia oralista, passou a ser usada por grande parte das escolas na educação de surdos de muitos países. A língua de sinais foi proibida, iniciando assim uma longa e sofrida luta do povo surdo para proteger o direito linguístico por meio da sua língua natural, que é a língua de sinais.

Com os insucessos do oralismo surge a comunicação total segunda filosofia, que determina e propõe a integração de modelos auditivos, manuais e orais para certificar a comunicação infalível entre as pessoas com surdez. Tem com principal objetivo se preocupar com os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes.

Para Ciccone (1990), os profissionais que defendem a Comunicação Total concebem o surdo de forma diferente dos oralistas: ele não é visto só como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa.

A diferença entre a Comunicação Total e as outras abordagens educacionais concebe-se no fato de que a Comunicação Total alega a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para auxiliar a comunicação com as pessoas com surdez. A Comunicação Total enaltece a comunicação e não apenas a língua.

Na Edição de Comunicação Total do Centro Internacional de La Sordera in Nogueira, são explicitados os seguintes princípios Orientadores da Comunicação Total:

Todas as pessoas surdas são únicas e tem diferenças individuais iguais aos ouvintes.

Os programas educacionais efetivos deveriam ser individualizados para satisfazer as necessidades, os interesses e as habilidades dos surdos.

As habilidades para comunicar vão ser diferentes para cada pessoa. Menos de 50% dos sons da fala podem ser observados e entendidos quando se lê os lábios.

Não há estudos que comprovem que uma criança surda não pode desenvolver suas habilidades orais.

As crianças surdas inventam sinais em suas primeiras tentativas de comunicar-se em casa e na escola.

A comunicação oral exclusiva não é adequada para satisfazer as muitas necessidades das crianças surdas.

Em um ambiente de Comunicação Total sempre existe a segurança do que está dizendo. Um sistema de dupla informação ou interação sempre existe.

As crianças que podem desenvolver as habilidades de aprendizagem e comunicação oral estarão motivadas. As que não têm essa habilidade desenvolvem outras formas de comunicação.

Os estudos desde 1960 claramente indicam que as crianças que cresce em um ambiente de Comunicação Total demonstra mais habilidade para comunicar-se e tem mais êxito na escola. (GOLDFELD, 1994, p.39).

A terceira filosofia que permeia até os dias de hoje é a Bilíngue vem do latim *bilinguis*, é uma qualidade que se usa em referência a quem tem o domínio das duas línguas ou aquilo que está escrito em dois idiomas.

O fator de o surdo ser privado da audição precisa, portanto, elaborar uma modalidade de língua distinta da dos ouvintes. E é está língua a língua de sinais de modalidade viso-espacial que realizará todas as funções de uma primeira língua, isto é, a progressão psicossocial, linguístico e cognitivo.

A língua de sinais realizará a função de primeira língua, que com sua riqueza e funcionalismo, proporcionará a estrutura para o conhecimento da segunda língua, ou seja, Língua portuguesa na sua modalidade escrita.

Ao citar sobre o bilinguismo, devemos antes entender que a Língua de Sinais como primeira língua é abordada nesta parte, e a língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Ou seja, para melhor entendimento a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - é a Língua utilizada pelas pessoas surdas para a interação entre eles e com os ouvintes.

O bilinguismo se insere no modelo sociocultural de surdez e educação bilíngue, por sua vez, representa a organização metodológica desse modelo, pois considera que: a criança surda já possui uma primeira língua para sua socialização e essa língua se constituiu num instrumento de acesso aos conhecimentos, à informação, à cultura e a aprendizagem de uma segunda língua na escola. (VILMA, 2012, p. 44)

Para os surdos a línguas de sinais, as entonações faciais têm funções: apresentar emoções (assim como nas línguas faladas) e marcar estruturas gramaticais específicas (como orações relativas), servindo para diferenciar funções linguísticas, uma qualidade única das línguas de modalidade visual-espacial.

A questão central para o bilinguismo é a surdez, ou seja, os estudos se impressionam em compreender o surdo, suas especificidades, sua língua, sua cultura e a forma particular de pensar e agir e não apenas os físicos, biológicos ligados a surdez.

### 3.2 A SURDEZ NA CONCEPÇÃO SOCIOCULTURAL

A percepção dos estudos socioculturais da comunidade surda é viável quando avaliados pela carreira da história da educação dos surdos, que tem a marca pelo dualismo da interação; há quem defenda o uso da língua oral, outros, que defendem o uso da língua de sinais e há quem defenda o uso da bilíngue a língua de sinais como primeira língua e o português na modalidade escrita como segunda (Padden, Humpries, 1996; Bernardino, 2000; Larrosa, Skliar, 2001).

A língua de sinais é de modalidade viso espacial, pois o sistema de signos distribuídos é recebido pela visão, e sua formação é praticada pelas mãos, no ambiente. São respeitadas como línguas pela linguística, que lhes fornece a definição de línguas naturais e não as conceitua “problema do surdo” ou “patologia da linguagem” (Quadros, Karnopp, 2004).

A língua usada pela comunidade ouvinte é língua predominante dos pais, e sua categoria é oral; no caso do nosso país, é a língua portuguesa, mas, para os surdos, a realidade é diferente. Sua comunicação é pela língua de sinais (Libras) e, por isso, são definidas pessoas visuais, pois utilizam a visão como principal artefato.

“Os artefatos culturais do povo surdo”, a autora apresenta oito artefatos culturais que podem caracterizar a cultura surda, e que são entendidos como as ilustrações da cultura, como aquilo que vai além do material, constituindo o sujeito e as formas de ver, entender e transformar o mundo. (STROBEL, 2009, p.152).

Muitas pessoas estão acostumadas a intitular de artefatos os objetos ou materiais fabricados pelos grupos culturais, de fato, não são só maneiras individuais de culturas materiais, ou produtos definidos da execução humana, também podemos

incorporar tudo que se vê e sente quando se está em convívio com a cultura de uma sociedade. Temos alguns exemplos desses artefatos culturais: experiência visual, linguístico, familiar, artes visuais etc.

As artes visuais que são consideradas o artefato onde se localizam as artes plásticas e o teatro surdo. Existem, ainda, os artefatos compostos pela vida social e esportiva e o artefato político, destacando-se pelos líderes surdos e as lutas sociais através de organizações e associações. (STROBEL, 2009, p.153).

A visão da surdez, nesse contexto sócio cultural, ressalta-se pelas diferenças linguísticas e não pelas modificações biológicas.

As comunidades surdas apresentam características de sua cultura no território local, onde moram ou se encontram os surdos, na convivência dos sujeitos surdos e por meio de processos sociais e discursivos da cultura das pessoas surdas.

Para Salles (2005) é através da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas. Ou seja, a existência de uma cultura fortalece a identidade.

Para Pereira (2011), assim como qualquer outra cultura, os membros das comunidades surdas compartilham valores, crenças, comportamentos e o mais importante, uma língua diferente.

A cultura dos surdos vem sendo uma incógnita para as pessoas ouvintes da sociedade. É uma aflição em que muitos ouvintes buscam compreender os muitos caminhos que guiam os povos surdos às suas relações culturais presentes, como também na sistematização de sua população surda.

Segundo Strobel (2015), a cultura surda se refere a comportamentos, valores, regras e crenças, que permeiam e preenchem nas comunidades surdas. Dentre os elementos principais da cultura surda estão às experiências visuais e as linguísticas que são essenciais para os indivíduos surdos.

Desta experiência visual significa a utilização da visão, (em situação total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade de intérpretes, de tecnologia de leitura. (PERLIN E MIRANDA, 2003, p. 218).

Observando esse estudo teórico, automaticamente percebemos que os surdos buscam grupos que associam dos mesmos gostos sociais, que fazem o uso da mesma língua e que há uma identidade, ajudando assim, na construção da cultura e na sua identificação.

Assim, esse grupo indica também uma defesa contra as demonstrações e ação de preconceito da sociedade que na maioria são ouvintes onde muitas vezes, seus familiares e amigos não tem o conhecimento da língua de sinais, dificultando uma comunicação mínima entre ambos, tentando lhes proporcionar nos padrões estabelecidos como normais.

“Os sujeitos surdos são vistos, às vezes, pelos sujeitos ouvintes, quando não com curiosidade, como pessoas defeituosas, doentes, incapazes, que necessitam de tratamento clínico para se adequarem nos padrões de normalidade. Aliado ao tratamento é necessário que os surdos adquiram a cultura dos ouvintes, pois, para alguns, surdos não são seres aculturados” (NOVAES, 2010, p. 57)

Nesse ponto de vista, essa proteção contra as tentativas de opressão dos ouvintes, onde a cultura da maioria tenta reprimir a minoria, ironizando, e excluindo.

Essa ideia tem origem pelo histórico do indivíduo surdo, as quais sempre foram considerados pessoas oprimidas, e esse pensamento ainda atinge na atualidade, pois está internalizado nestes indivíduos. Mas, na praticidade, não há nenhuma manifestação voltada ou inventada para a comunidade surda objetivando minimizar essas mentes tão preconceituosas, ficando a favor dessa questão cultural e social.

Assim, há:

(..) um esforço unilateral (dos surdos) para interagir com os ouvintes e esses, por não se esforçarem, por discriminarem os surdos, dão visibilidade à segregação e permitem a 'constituição' de um grupo diferente que acredita ter também uma cultura diferente". (SANTANA, p. 48, 2007)

Os surdos sentem dificuldade de se comunicar com uma pessoa ouvinte, assim como os ouvintes sentem dificuldades de comunicação com os surdos , pois utilizam línguas diferenciadas, dificultando assim a sua interação. Alguns ouvintes discriminam os surdos, por acreditarem que existe uma diferença entre ambos, tanto na língua quanto na cultura de cada um.

A visão sociocultural no que diz respeito à surdez está ordenada com concepções presentes na Declaração dos Direitos Humanos, nas referências da ONU, nas afirmações da UNESCO, nas Diretrizes da Declaração de Salamanca.

É nesse âmbito, que surge uma concepção de surdez, especialmente, na ocasião que a linguística coloca em seus conhecimentos a língua de sinais, assim, atribuindo condições linguística à língua de sinais nessa direção as formas linguísticas e psicolinguísticas iniciam traçar uma ótica sociolinguística e cultural da surdez.

Com isso existem outras disciplinas como a antropologia, a psicologia e sociologia que cooperaram para a mudar este conceito, não apenas no que refere-se a língua de sinais, como também em relação de o que venha ser a cultura surda adentro de uma expectativa sócio histórica.

Há diferentes culturas e diferentes modos de conceituar cultura, depende do espaço onde ela é discutida. No espaço linguístico surdo, o termo cultura refere-se ao jeito de ser e estar no mundo do povo surdo.

Segundo Strobel (2015), a cultura surda se refere a comportamentos, valores, regras e crenças, que permeiam e preenchem as comunidades surdas. Dentre os elementos principais da cultura surda estão às experiências visuais e as linguísticas que são essenciais para os indivíduos surdos

Os autores americanos surdos Padden e Humphries (2000) apud Strobel (2008, p. 30), conceituam a comunidade surda como um grupo de pessoas que partilham objetivos comuns dos seus membros, e que desenvolvem meios para alcançarem estes objetivos, sendo que podem incluir pessoas que não são elas próprias surdas, como membros de família, intérpretes, professores e amigos que apoiam ativamente os objetivos da sua comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para alcançá-los.

Com isso a provocação para o povo surdo é idealizar uma nova história cultural, com a gratidão e o respeito aos diferentes valores da língua, e a emancipação das pessoas surdas.

#### **4 ESTUDO DE CASO: RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a coleta desses dados entrevistamos o professor um professor de Geografia, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Gentil Lins,

localizada no município de Sapé/PB. O professor entrevistado é graduando em Geografia e na sala que ele leciona estuda 2 alunos surdos. Sabemos que não é uma tarefa fácil para o professor que tem na sua maioria alunos ouvintes e 2 surdos entre eles, baseado nisso fizemos a seguinte observação; foi elaborado um questionário para colher informações acerca da relevância da Libras e de uma pessoa para auxiliar, que no caso seria um intérprete de Libras para que possa facilitar o ensino aprendizagem, assim como a interação entre o professor e o aluno.

#### **4.1.1 A interação do professor de geografia com o aluno surdo**

Você tem alunos surdos? Quantos? Relate como é a interação entre você professor de geografia e os alunos surdos.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

P1: Tenho sim, 2 alunos, a relação se baseia na interação com o intérprete dos alunos, onde o mesmo é o elo de ligação com as aulas.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Para a transferência do entendimento é preciso um a interação, ou seja, o dialogo entre professor e aluno. Para que isso possa acontecer é necessária a socialização, comunhão, carinho, compreensão, afeto um com o outro. Boff (2003, p. 30) “[...] destacou que as relações se tornam mais humanizadas quando há uma espécie de comunhão e de paixão profunda entre os interlocutores”. Percebemos que é importante o professor ter uma interação com o aluno surdo. O que não acontece com o professor entrevistado, pois ele informa que é com intérprete.

A afetividade e a interação no ambiente escolar é fundamental para o processo ensino aprendizagem e principalmente quando se trata da inclusão das pessoas surda.

#### **4.1.2 O aprendizado dos alunos surdos na aula de geografia**

Na sua opinião a Libras facilita o aprendizado do surdo nas aulas de
----------------------------------------------------------------------

geografia?

P1: Facilita muito, se os professores fossem devidamente preparados poderíamos aproveitar mais essa relação com os alunos surdos, facilitando a interação dos mesmos com a turma.

Aplicar aulas de Geografia para as pessoas surdas é um grande confronto, pois, como as demais disciplinas escolares, é fundamental que sejam planejadas e desenvolvidas metodologias através da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por ser um meio de comunicação. Com esta situação muitos professores ficam aflitos, principalmente porque grande parte não conhecem e nem tem o domínio da Libras, ou seja, a língua utilizada para aqueles alunos surdos.

Existe cada vez mais, a necessidade da capacitação no que diz respeito a este tema, no contexto educativo, é importante em função do aumento de debates, de políticas públicas e de direitos relacionadas ao campo, da Educação de Surdos e da Educação Inclusiva.

Nasi (2007) define a língua como uma ferramenta que permite o homem se comunicar e interagir com ideias. De acordo com a autora, há muitas dúvidas acerca de uma definição considerada mais correta no que se refere à língua, inclusive sobre o que permite seu entendimento, forma de utilização e até mesmo o porquê de tantas definições para a palavra.

A língua de sinais é a língua oficial dos surdos, pois a criança surda adquire de forma simples sem que seja necessário um treinamento específico. Assim percebemos a importância do professor saber e utiliza a libras com seu aluno surdo.

“A língua de sinais possibilitou ao surdo o reconhecimento de sua identidade enquanto sujeito, o qual deixa de ser visto como incapaz e passa a ter direito como cidadão. Ao possuir uma língua, o surdo passou a se comunicar de maneira consciente, tornando-se mais participativo, não apenas na sala de aula, como nas relações sociais”. (ARAUJO, 2007, p. 14).

Partindo do pressuposto de que a Libras possui aspectos básicos de uma língua própria, a qual os cidadãos devem comandar para serem capazes de associar as várias realidades, deve-se garantir, através da Língua Brasileira de Sinais os mesmos discernimentos. Para isto, se faz necessário que os professores tenham o domínio da Libras no campo das dinâmicas geográficas. Percebemos a importância

do professor de geografia saber libras, assim conseguiria explicar os seus conteúdos geográficos com mais eficácia.

#### **4.1.3 Metodologias usadas na aula de geografia para inclusão do aluno surdo**

Tem alguma dificuldade em dar aula ao aluno surdo? Quais recursos , metodologia você utiliza, para inclui-los?

P1: Geralmente não, pois o intérprete sempre está presente nas aulas, facilitando todo o processo de aprendizagem. As atividades são as mesmas para todos, mas gosto de utilizar muitas imagens e textos que facilitem o conhecimento dos alunos.

Ao incluir o aluno surdo na escola pública de ensino regular, tem-se a necessidade de um planejamento diferente feito pelo professor, usando didáticas metodologias que contextualizem os assuntos possibilitando melhor clareza e garantindo seu aprendizado. Quando se planeja e determina um recurso ou jogo a utilizar, é necessário ter a consciência dos conteúdos a serem repassados para os alunos, quais os objetivos que se almeja alcançar. Para Freire (2005), planejar a prática significa ter uma ideia clara dos objetivos que se quer alcançar com ela. Então fica evidente que na sala que existe intérprete os alunos tem melhor desempenho, do que na sala que tem apenas o professor como mediador, mas sabemos que se o professor aplicasse metodologias como o uso de materiais concretos como: mapas, GPS, desenhos , aula de campo, dentre outras estratégias, facilitaria e muito o desempenho do aluno.

#### **4.1.4 Professor fala como utiliza a libras com os alunos surdos.**

Você sabe libras? Utiliza em sala de aula com seus alunos surdos?

P1: Sim, sei cumprimentar apenas e dizer o nome, utilizo para dar bom dia e cumprimenta-los.

Para Silva e Pereira (2003), o direito do aluno surdo à educação através da língua de sinais está assegurado na Declaração de Salamanca, no artigo 19, artigo este não incorporado nos documentos que regulam a inclusão do aluno surdo no sistema regular de ensino em nosso país. O que vemos no dia a dia, são professores buscando a comunicação com os alunos surdos de qualquer forma, sem mesmo acreditar na efetividade de tal prática, ou seja, os professores deveriam buscar formas que essa comunicação acontecesse, já que é tão importante essa interação entre professores e alunos.

Fica claro que o entrevistado tem limitado conhecimento sobre libras, onde precisa do auxílio de uma pessoa qualificada para facilitar o aprendizado dos seus alunos que é o intérprete. Sabemos que os professores devem se manter sempre atualizados, para que repasse com segurança os conteúdos que serão abordados em suas aulas, pois existe a necessidade do professor de geografia ter alguma formação na área de libras, para que possa conhecer mais a fundo a língua, para que na ausência de um intérprete ele não sinta dificuldade em se comunicar com o aluno surdo.

#### **4.1.5 A relevância da Libras para o professor de geografia e para o aluno surdo**

Fale da importância da Libras para o professor de geografia e para o aluno surdo
----------------------------------------------------------------------------------

P1: É basicamente o meio de comunicação mais importante entre o professor e o aluno, desse modo fica visível a necessidade de se ter um preparo maior quanto ao aprendizado da Libras, pois o mesmo iria facilitar muito no que diz respeito a comunicação e aprendizado nas aulas.
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Para os alunos surdos aprenderem Geografia é necessário que o professor desempenhe um bom trabalho onde valorize a memória visual, com uma diversidade de recursos, como: figuras, imagens de diferentes paisagens, fotos, revistas, jornais, livros com sinais em LIBRAS e também com o auxílio de intérprete para que o aprendizado seja melhor.

Um problema que impede o aprendizado da Geografia pelos alunos surdos é a falta de domínio da Língua Portuguesa e também da língua natural dos alunos

surdos, a LIBRAS. Uma das possibilidades para driblar essas, são durante a aprendizagem de Geografia, o professor expor, de todas as formas, a conceituação geográfica e fazer um elo com a realidade dos alunos surdos. Ou seja, a aula de Geografia para os alunos tem que ser o mais visual possível, o que de fato é importante para qualquer aluno, porque quando a pessoa vê a imagem de um determinado conceito, ela aprende muito mais do que só repetir palavras. Se o professor traz para as aulas dos alunos surdos, fotos, gravuras, desenhos, maquetes, ou seja, o material concreto, a aula fica muito mais atraente para os alunos, com a utilização desses recursos visuais a percepção dos alunos surdos é maior e a sua compreensão da disciplina é muito mais proveitosa.

É notório que o próprio professor reconhece que há a necessidade de se capacitar na área de libras, ou seja, o estudo da língua de sinais que é a língua materna do surdo.

A Língua de Sinais são sistemas de sinais independentes das línguas faladas. Não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente, diferindo uma das outras, por exemplo: no Brasil temos a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); nos EUA utiliza-se a ASL (American Sing Language); e na França a LSF (Langue de Signes Français). Existindo como as línguas orais, dialetos ou variabilidade regional dos sinais. A língua de sinais é uma língua de dimensão espacial e corporal. (DEUS, 2012, p.6)

Percebemos que a língua de sinais, são línguas genuínas pertencentes a comunidade surda. E se tratando da área da Geografia são muitas as dificuldades encontradas no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos. Sendo esta disciplina preocupada em formar não somente alunos conhecedores de determinados conceitos, mas sim ajudar na formação de cidadãos com consciência crítica a estima da sociedade e da natureza, tendo o compromisso de pesquisar alternativas que possam complementar as necessidades e diminuir as dificuldades do cotidiano encontradas no ensino de Geografia para alunos surdos.

## 5 CONCLUSÃO

Podemos constatar no decorrer deste trabalho as dificuldades que o professor de geografia deste estudo de caso apresenta no momento de investigação para lidar com os alunos surdos, uma vez que os mesmos não se sentem preparados, por não saber a língua brasileira de sinais, precisando assim da ajuda de um intérprete para auxiliar as aulas e sua comunicação. Com isso fica claro a necessidade dos docentes ir em busca de formação na área de Libras e da educação dos surdos para que possam desempenhar com qualidade e eficácia o seu papel como educador.

Esse trabalho irá servir de subsídios para os futuros pesquisadores na área da Libras e da Geografia. Pois os Surdos convivem com duas comunidades e cultura: a dos surdos e a dos ouvintes, e necessitam usar duas línguas; a LIBRAS e a língua portuguesa na modalidade escrita auxiliando assim na aprendizagem da geografia.

As considerações aqui apresentadas partiram das observações e dificuldades presenciadas, em sala de aula, ao trabalhar com alunos surdos. Outro aspecto imprescindível na aprendizagem dos alunos surdos, é a utilização da língua brasileira de sinais "Libras", situação em que os alunos demonstram sua capacidade de interação e de expressão do conhecimento sobre determinado tema. Ao fazermos esta abordagem, a aprendizagem passa a ter um valor significativo e individualizado para o aluno, fazendo com que ele compreenda melhor o mundo em sua volta e suas transformações.

São vários obstáculos a serem superados, existe uma longa estrada a ser percorrida. Os principais atores do processo educacional no caso o professor não se sente preparado para essa problemática.

A unidade escolar tem um papel importante na vida do cidadão, principalmente surdo sendo responsável pelo seu desenvolvimento, para tanto, precisa esta preparada para atender a todos com a mesma igualdade e equidade.

A convivência em uma mesma sala com o professor, o intérprete, e os alunos surdos e ouvintes, estabelece uma situação nova em que o professor não estava preparado, apresentando aflição e despreparo. Apesar dos avanços que se tem na inclusão do aluno surdo, existe ainda uma grande necessidade que é ampliar pesquisas sobre o papel do professor no processo de escolarização desse aluno no

ensino regular nas aulas de geografia. Diante do resultado da pesquisa, observamos a falta de especialização e formação na área de Libras, onde o mesmo depende de uma intérprete na sala de aula em todos os momentos.

É importante também termos professores capacitados sobre a singularidade linguística das pessoas surdas, provas adaptadas em libras, cursos de libras para toda a comunidade escolar, correção de provas e atividades, considerando que o português é segunda língua, quando expressas na escrita.

Foi de suma importância a pesquisa sobre essa temática, uma vez que vimos que na maioria das vezes os surdos são excluídos dentro de sua própria família, dentro de sua própria sala de aula. Acredita-se que este estudo irá ajudar de forma positiva em despertar os professores de geografia a irem em busca de aperfeiçoamento para que possam contribuir com os seus alunos surdos.

## 6 REFERÊNCIAS

ARAUJO, Danielle Mirelli da Silva; SILVA, Marcelle de Castro; SOUZA, Wilma Pastor de Andrade. **A influência da libras no processo educacional de estudantes surdos em escola regular**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRITO L. F. **Integração social & Educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel; 1993.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos humanos do Ensino Fundamental: **Língua Brasileira de Sinais**. Vol III. MEC/ SEESP, 1997.

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS, e o artigo 18 da lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial. Brasília, 22 de dez. de 2005.

CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

DEUS, Maria L. F. **Surdez**: linguagem, comunicação e aprendizado do aluno com surdez na sala de aula comum. 2012; Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em Atendimento Educacional Especializado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda** – linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 1997.

MEIRELLES, Viviany & SPINILLO, Alina Galvão. Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos. Estudos de

Psicologia 2004, 9(1), 131-144. Disponível em: <  
<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22389.pdf>> Acesso em 13 de setembro de 2018.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Tese de Doutorado Psicologia Social, São Paulo, 1996.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos: educação, direito e cidadania**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2010.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha et al. **Libras conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. **Surdos: o narrar e a política**. In: Estudos Surdos-Ponto de Vista; Revista de Educação e Processos Inclusivos n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.

QUADROS, R.M. de. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos In: FERNANDES, E (Org). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 30.

QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis (org). **Estudos surdos II**. Rio de Janeiro – Petrópolis; Arara azul ed. 2007.

RICHARDSON, Roberto jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo. Atlas, 1999.

SILVA, A.B.P.; PEREIRA, M.C.C. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psicologia: Teoria e pesquisa*. Brasília, v.19, n.2, p.173-176, 2003. Disponível em: <http://www..scielo.br/pdf/ptp/v19n2/10v19n2.pdf> . Acesso em 17/10/18.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação para surdos: concepções e implicações práticas**./Vilma Geni Slomski./ 1ª ed. (2010), 2ª reimpr./Curitiba: Juruá, 2012. 124 p.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TROBEL, Karin. Revista virtual de cultura surda e diversidade. Disponível em:> <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/perfil.php>>. Acesso em 12 Out. 2018.

SALLES, Heloisa Maria Moreira et al. Ensino de língua portuguesa para surdo: caminho para prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2005, p.47.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: Aspectos e implicações neolinguísticas. São Paulo; Plexus ed, 2007.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Língua Brasileira de Sinais**: LIBRAS; ilustrado por Sérgio Streiechen. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Ed. Da UFSC, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

## **ANEXO**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA  
ENTREVISTADOR: Graduando em Geografia **ALEXSANDRO RAMOS DA SILVA**

QUESTIONÁRIO PARA APLICAR AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA QUE TEM ALUNOS SURDOS EM SALA DE AULA.

1- VOCÊ TEM ALUNOS SURDOS?,QUANTOS? RELATE COMO É A INTERAÇÃO ENTRE VOCE PROFESSOR DE GEOGRAFIA E OS ALUNOS SURDOS.

Tenho sim, 2 alunos, a relação se baseia na integração com o intérprete dos alunos, onde o mesmo é o elo de ligação com as aulas.

2- NA SUA OPINIÃO A LIBRAS FACILITA O APRENDIZADO DO SURDO NAS AULAS DE GEOGRAFIA?

Facilita muito, se os professores fossem devidamente preparados poderíamos aproveitar mais essa relação com os alunos surdos, facilitando a interação dos mesmos com a turma.

3- TEM ALGUMA DIFICULDADE EM DAR AULA AO ALUNO SURDO? QUAIS RECURSOS, METODOLOGIA VOCE UTILIZA NAS AULAS, PARA INCLUI-LO?

Geralmente não, pois o intérprete sempre está presente nas aulas, facilitando todo o processo de aprendizagem. As atividades são as mesmas para todos, mas gosto de utilizar muitas imagens e textos que facilitem o conhecimento dos alunos.

4- VOCÊ SABE LIBRAS? UTILIZA EM SALA DE AULA COM SEUS ALUNOS SURDOS?

Sim, sei cumprimentar apenas é dizer o nome, utilizo para dar bom dia e cumprimenta-los.

5- FALE DA IMPORTÂNCIA DA LIBRAS PARA O PROFESSOR DE GEOGRAFIA, E PARA O ALUNO SURDO.

E basicamente o meio de comunicação mais importante entre o professor e o aluno, desse modo fica visível a necessidade de se ter um preparo maior quanto ao aprendizado da Libras, pois a mesma iria facilitar muito no que se diz respeito a comunicação e aprendizado nas aulas.